

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 74

Data: 15.01.74

Pg.:



Foto do enviado especial

Depois de deixar presentes para os brancos, cinta-larga faz o contato

Antropólogo completa estudo sobre o índio

Da Sucursal de
BRASILIA

A Fundação Nacional do Índio — Funai — pretende deslocar, nos próximos dias, para a região do rio Peixoto de Azevedo, o antropólogo Florento Parisi, que continuará o estudo socio-econômico dos índios krenhacaros, iniciado por sua irmã, Valéria Parisi. Os estudos prevêm a transferência das duas aldeias indígenas para uma região localizada fora da área de influência da rodovia Cuiabá-Santarém. Enquanto isso, a direção da Funai aguarda para hoje o retorno da comissão que está investigando as denúncias feitas contra o sergamista Antonio Campinas, responsável pelo trabalho com os krenhacaros, e que os estaria induzindo ao homossexualismo.

CANOEIROS
O sergamista Apoená Meirelles apresentou, ontem, à direção da Funai, um relatório sobre o trabalho de atração dos índios ava-canoeiros. Sustentou ser fundamental que se empregem com esses índios um método de atração diferente do usado normalmente, ou seja, um prolongado "namoro", com troca de presentes. Apoená disse, no relatório: "Os ava-canoeiros, apesar de terem estado isolados do branco até agora, já conheciam os civilizados e evitavam o contato, pois sofreram muito nas suas andan-

ças pelo norte de Goiás, fugindo de fazendeiros que tentavam matá-los. Quando, finalmente, localizamos os índios, decidimos não esperar mais. Depois que determinei o método a ser adotado, isto é, o contato de surpresa, eu e meus seis companheiros estávamos dispostos a oferecer nossas vidas. No dia primeiro de dezembro, partimos em direção à vitória ou à morte. Naquele momento, lembrava do meu companheiro Possidônio Bastos, que morreu massacrado pelos índios cintas-largas, no Parque de Aripuanã, em 1971".

"Quando encontramos o corpo do nosso querido companheiro Possidônio — continuou Apoená — já em adiantado estado de decomposição, nós, que éramos seus amigos, não tivemos em nenhum momento nojo ou repugnância em abraçá-lo, derramar por cima do seu corpo tão jovem, nossas lágrimas. Eu temia que, morto, caso falhasse o contato com os ava-canoeiros, não fivesse mãos amigas para abraçá-los, pois quase todos os meus amigos foram demitidos pela Funai, e a simples idéia de ter um Antonio Campinas encontrando nossos corpos era muito dolorosa. Mil vezes melhor ser encontrado e devorado pelos urubus, eles seriam mais dignos".

"Quando chegamos de surpresa ao acampamento dos índios — acrescentou o sergamista — inicialmente, eles reagiram e atiraram flechas contra

a expedição, mas quando realmente se identificaram dos nossos propositos pacíficos, chamaram os outros para viverem conosco em harmonia e paz".

INTEGRAÇÃO

Comentando o problema de integração do grupo ava-canoeiro com os civilizados, afirmou o sergamista que "a tão discutida integração ou não integração já nos parece uma discussão dilettante".

"Integração — observou — é não somente necessária, como também é irreversível. Ela implica a capacidade de ajustamento a uma nova realidade, estando implícita nessa capacidade as oportunidades de opção que devem ser dadas ao homem. É preciso dar ao índio recém-contatado a oportunidade de dinamizar a sua estrutura socio-cultural, que nunca foi estática, mas que, pelo contato, encontra-se num momento de crucial impacto. Através de suas decisões próprias, o índio pode reformular, recriar, enfim, dinamizar a sua estrutura".

"Os canoeiros serão transferidos para uma nova área e ali passarão a ter uma vida sedentária. O mínimo que lhes podemos garantir é uma infra-estrutura econômica não de todo incompatível com o seu modus vivendi, até então defendendo a posse permanente de suas terras, mas prestando-lhes assistência, auxiliando-os no difícil processo de integração".

O índio pacifica o branco

Mório Chimonovitch
Enviado especial

Pela primeira vez em toda a história do indigenismo brasileiro, um povo absolutamente primitivo entrou em contato, por sua própria iniciativa, com uma comunidade de cientistas e tecnólogos instalada em plena selva amazônica. Sábado e domingo últimos, três guerreiros de um numeroso grupo "Cinta-Larga" até hoje não contactado por qualquer civilizado, acompanhados de suas mulheres e filhos, irromperam na Cidade-Laboratório de Humboldt localizada a cerca de mil quilômetros de Cuiabá, no Norte de Mato Grosso.

A entrada dos "Cintas-Largas" naquele centro de pesquisas avançadas é para os cientistas de Humboldt nada menos do que a culminância de um processo de "pacificação" iniciado pelos próprios índios em outubro do ano passado, quando deixaram belíssimos presentes para uma equipe de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia que realizava estudos na área. A partir daí, surpreendentemente, foram os índios quem conduziram integralmente o "namoro" com os brancos, que, por sua vez, limitaram-se pacientemente a aguardar a iniciativa de um contato. Essa aproximação, inclusive, vem reformular todas as concepções sobre a integração de comunidades tribais, podendo, também, significar o seu apressamento.

Na última sexta-feira, por volta das 16 horas, a Universidade Federal de Mato Grosso recebeu comunicações pelo rádio, indicando que os "Cintas-Largas" haviam entrado em Humboldt. Imediatamente, a gerência-geral do Projeto Aripuanã, com sede em Cuiabá, entrou em contato com o comandante da Base Aérea de Campo Grande, solicitando o envio urgente de uma aeronave C-115 (Buffalo) a fim de deslocar gêneros, medicamentos e técnicos para a área.

A maior preocupação dos técnicos da Universidade daquela altura era com a saúde dos "Cintas-Largas", isto porque a incidência de gripe entre a população da Vila de Dardanelos, sede administrativa da Prefeitura de Aripuanã, é alta neste período de chuvas pesadas, e poderia, fatalmente, representar perigo de vida para os índios. Ao mesmo tempo, a UFMT pediu à FAB que enviasse na mesma aeronave uma das equipes de seu Batalhão de Saúde, a fim de examinar os "Cintas-Largas" e as crianças da vila, na realidade, completamente desassistidas pela Prefeitura local.

Os técnicos do projeto providenciaram, também, que os índios não se envolvessem com a população local, pois, além da gripe, havia ainda o perigo do alcoolismo que ali prolifera, principalmente nos fins-de-semana, desde que o Município autorizou a instalação de uma "tendinha" que vende aos habitantes de Dardanelos aguardente e gêneros a alto preço.

O CONTATO

Desde outubro do ano passado, os "Cintas-Largas" passaram a dominar a margem esquerda do rio Aripuanã, numa área localizada a aproximadamente um quilômetro do núcleo pioneiro de Humboldt. A primeira reação da população local e dos empreiteiros contratados pelo Projeto Aripuanã foi de terror. Alguns mestres de obra pediram para voltar imediatamente para Cuiabá com suas equipes, recusando-se a dormir desprotegidos no canteiro de obras da cidade-laboratório. Pediram armas ao gerente-supervisor do projeto, engenheiro-químico Ivo Scaff, que não os atendeu, contornando a situação com tranquilidade e senso de humor. O prejuízo maior, todavia, foi de caráter científico. Os botânicos e engenheiros florestais do INPA não quiseram mais prosseguir na coleta de sementes de mogno que vinham realizando ao longo do rio Aripuanã.

Sábado passado, a espera paciente dos técnicos do Projeto Aripuanã terminou com a entrada em Humboldt dos três guerreiros. Esses, por sua vez, não demonstraram quaisquer temores ao tomar contato, pela primeira vez, com todo o ruído do equipamento operacional que implanta o núcleo pioneiro da cidade-laboratório. Alegres e docéis, os "Cintas-largas" demonstraram aos cientistas de Humboldt que conheciam perfeitamente seus padrões de atividade e comportamento. Mostraram através de gestos a localização da nova pista de pouso e os tratores que a construíam.

As próprias circunstâncias que envolveram a sua entrada no núcleo-pioneiro de Humboldt demonstram, todavia, que apesar de não terem até hoje mantido qualquer contato com o branco os "Cintas-Largas" conhecem o poder das armas de fogo. Surgiram na margem esquerda do rio, no lugar que deixaram pela primeira vez os presentes acenando para os ocupantes do barco do projeto que por ali passava, rumo ao Sul. O piloto da embarcação dirigiu-a àquela local e tão logo atracou junto a um pequeno igarapé viu-se diante das flechas que lhe eram apontadas. Reagiu empunhando sua carabina de caça, os índios, imediatamente, baixaram as flechas e pularam para o interior do barco, praticamente tomando-o. Rapidamente, o barqueiro imitou o gesto dos índios abaixando sua espingarda, que lhe foi imediatamente tomada das mãos e jogada dentro d'água. Daí em diante, sempre se exprimindo por

meio de gestos e abandonando seus arcos e flechas, os índios deram a entender que queriam ir para Humboldt.

Sua chegada ao núcleo pioneiro provocou confusão entre a população da Vila de Dardanelos, que pensou estar sendo atacada, apesar de nunca terem visto um índio. Portas e janelas foram trancadas apressadamente enquanto as crianças eram recolhidas. Outros, mais afoitos, trataram de apanhar suas armas e buscar posições de proteção. Os "Cintas-Largas", indiferentes a toda essa assustada movimentação, sorriram e ofereceram os presentes que haviam trazido para o branco. Minutos depois, a confraternização ainda confusa foi estabelecida.

Durante dois dias — sábado e domingo — os três guerreiros "Cintas-Largas" e suas famílias permaneceram em Humboldt até que foram examinados pelos médicos da FAB e retornaram, já à tarde, para o outro lado do rio, insistindo bastante para que o pessoal do projeto os acompanhasse até sua aldeia, situada nas cabeceiras do rio Branco, na região do Alto Aripuanã, a cerca de 80 quilômetros de Humboldt. No momento de entrar na mata, os três guerreiros queriam a todo custo levar consigo o atônito gerente-supervisor do projeto, geólogo César Gouvêa, que pediu auxílio ao gerente de operações Tibor Paul, quem melhor se entendia com os índios.

Os técnicos do Projeto Aripuanã esperam agora que os "Cintas-Largas" ocorram em massa para "Humboldt", pois a presença dos três guerreiros foi uma inteligente maneira de os índios aferirem o tratamento que lhes seria dispensado pelo branco.

O PROCESSO E A APROXIMAÇÃO

O encontro dos "Cintas-Largas" com o pessoal de "Humboldt", segundo o idealizador do Projeto-Aripuanã, professor Paulo Lomba, havia sido previsto para o período de Lua cheia, neste mês, de acordo com as interpretações dos sinais deixados pelo primeiro grupo de índios que andou pela região.

"Entre esses sinais — explica Lomba — haviam cipós com três nós descobertos nos locais onde o pessoal do núcleo pioneiro costumava andar e numa piscina natural formada por um dos degraus de cachoeira do rio Aripuanã".

Esses sinais confirmavam que os Cintas-Largas conheciam bem as atividades dos cientistas e tecnólogos de "Humboldt", após uma observação pacífica de aproximadamente sete meses. Sinais da presença dos caçadores índios eram constantemente observados na margem esquerda do rio. E, em razão disso, havia instruções claras no sentido de que nenhuma iniciativa deveria ser tomada por parte do pessoal do projeto. O primeiro gesto ostensivo de aproximação partiu dos próprios índios, quando deixaram belíssimos presentes para os integrantes da equipe de Botânica do INPA. Nesses presentes não havia quaisquer armas, mas sim símbolos delicados e objetos de arte plumária. Os cientistas de "Humboldt" entenderam o significado daquela gentileza expressada nesse comportamento, colocando juntamente com presentes úteis para a sobrevivência na selva, duas bandeiras com símbolos do Projeto-Aripuanã, que foram recolhidas.

O cineasta Nelson Pereira dos Santos, que participou da colocação dessas duas bandeiras, documentou a inexistência de qualquer contato anterior entre os habitantes de Vila de Dardanelos, que existe desde 1917, e os índios "Cintas-Largas". Os depoimentos gravados e filmados pelo cineasta demonstram claramente que os "Cintas-Largas" jamais se deixaram ver ao longo de quase meio século naquela área.

"Esse grupo Cinta-Larga — assinala ainda Lomba — que habita as cabeceiras do rio Branco, afluente do Aripuanã, é tido como inimigo dos outros Cintas-Largas localizados nas cabeceiras do rio Roosevelt".

Jamais tiveram qualquer contato registrado com as frentes pioneiras, o que inclui os destacamentos avançados de grandes empresas mineradoras, companhias de colonização e, também, funcionários da FUNAI.

O contato, segundo ainda os técnicos do Projeto-Aripuanã, deveria ocorrer no período das chuvas, quando os grupos caçadores saem de suas aldeias à procura de provisões num rio de centenas de quilômetros. Com a chegada do inverno amazônico, as dificuldades de caça aumentam dramaticamente. Isso provoca um período regular de fome na tribo, que deve variar de quatro a cinco meses.

Os índios que sábado e domingo estiveram em "Humboldt" manifestaram fome e trouxeram, já neste primeiro contato, mulheres e crianças, numa demonstração total de inequívoca confiança nos civilizados.

De acordo com Pedro Paulo Lomba, essa previsão relativa a um período de fome corresponde a um anteprojeto de "Humboldt" no sentido de estabelecer, assim que seja possível, do ponto de vista operacional, um cinturão verde mínimo em todas as aldeias, baseado essencialmente em fruticultura.

A introdução de novas plantas domésticas tropicais e a técnica rudimentar de seu manejo em torno das aldeias

contribuirá para reduzir substancialmente o perímetro dos campos de caça.

Ainda segundo Lomba, o fato de os "Cintas-Largas" terem tomado corajosamente a iniciativa de estabelecerem um contato com o branco, abrirá novas perspectivas para a queima de etapas no processo de integração:

No organograma geral de "Humboldt" — explica — desenhado pela UFMT em 1972, há uma divisão prevista para comunidades tribais. O auxílio que os índios podem prestar ao trabalho de dominação do espaço ocupado pela floresta amazônica deverá ser novamente revalorizado, como o foi pelos pioneiros dos séculos

XVII e XVIII, que penetraram fundamentalmente na selva apesar de seus escassos recursos tecnológicos.

A Amazônia até o século XVIII — prossegue — sempre foi conquistada com o índio à frente das bandeiras e penetrações, a partir do leito dos rios. A dominação e a garantia dessa fração majoritária do território nacional não teria sido possível sem o apoio dos conhecimentos e da resistência física ao ambiente emprestado pelo homem indígena.

Com referência à localização dos "Cintas-Largas" em Aripuanã e o traçado da estrada que a Sudeco planeja construir na área, o idealizador do projeto conclui afirmando que caso

haja necessidade de transferência de aldeias para zonas mais protegidas do avanço das frentes pioneiras predadoras, "a nova localização deverá estar baseada em informação pedagógica e de rede de drenagem perene, cuja pesquisa é um dos objetivos de programa intenso da cidade-laboratório de Humboldt".

"Na área dos Cintas-Largas — conclui — existem manchas de solos muito pobres ao lado de manchas de excelentes latossolos vermelhos e amarelos, segundo indicações do Projeto Radam, que em junho limo realizou coletas de amostras na área, sobrevoando com helicópteros aldeias Cintas-Largas".